

MONOGRAFIA

Comentário Geral

>>>

Oi, Pessoal.

Abaixo, faço alguns comentários gerais sobre o trabalho e, a seguir, comento individualmente cada um. Destaco que alguns dos trabalhos apresentados por vocês são muito interessantes. Entendo que um pequeno avanço já possa servir de referencia para um projeto de Iniciação Científica. Fiquei contente. A pesquisa é uma das mais importantes ações da universidade pública.

Mas, de modo geral, alguns pontos ficaram faltando ou poderiam ter sido melhor explorados. Como já -havia ficado evidente nas apresentações durante o semestre, entendo que vocês estão ainda muito presos a formatos tradicionais de construção de trabalhos, numa narrativa que sempre se inicia com um relato histórico e que, muitas vezes, não contribui para a reflexão em torno do objeto. Em design, a cultura material – como debatemos – é muito importante. Assim, tratar dos objetos, sua materialidade, os modos de produção, circulação e consumo é questão fundamental para a reflexão. Esta narrativa tradicional, que se apoia numa revisão histórica sem contribuir com o debate específico em torno do objeto, é fraca para os tempos atuais. Tentem ficar mais colados aos seus objetos, introduzindo aspectos históricos, quando estes qualificarem aquilo que estiverem tratando.

Por fim, esperava que vocês apresentassem uma diagramação / editoração que expressasse, em parte, o objeto ou tema tratado por vocês. Recomendo que vocês não se prendam a formatações tradicionais do world, mas que avancem sobre outros programas e tirem proveito deles. Afinal, vocês são alunos de design e precisam explorar os recursos que têm a disposição.

*Grupo 1**

Negativos de Vidro – Ramos de Azevedo

6.0 /

David Atalla Aly
Brenna Gonçalves Oria
Jorge Andre de Lima
Pablo Haruo Hayashi

>>>>>

O trabalho de vocês é bom. Destaco a leitura histórica que fizeram do Escritório Ramos de Azevedo, o que mostra um interesse de vocês em compreender o lugar por onde circularam as fotografias e, conseqüentemente, o valor associado ao conjunto de negativos de vidro. No entanto, esta leitura histórica poderia ter sido melhor explorada, especialmente na relação com as próprias fotografias. Quando tratam da importância do Ramos de Azevedo e de seu escritório, no contexto brasileiro e paulista, seria muito interessante a articulação entre esta estatuto político e social e a própria fatura desse conjunto expressivo de negativos, o que era de elevado custo para uma empresa. A exaltação dos projetos, como indicam na página 11, poderia vir melhor qualificada se articulada diretamente com a fatura e circulação das imagens. Trata-se de um processo inerente à modernidade, onde a fotografia cumpre papel chave. Na verdade, a possibilidade de produção de tão grande número de fotografias, naquele período, estava reservada ao Estado ou a empresas de muito grande porte. Os negativos – em sua materialidade – expressam por si esta condição.

Gostei bastante da reflexão teórica em torno da fotografia, articulada especialmente através da obra de Barthes (que não está referenciada corretamente na bibliografia). No entanto, novamente, vocês não tiram proveito dessa reflexão para debater o estatuto da Coleção dos Negativos de Vidro – Ramos de Azevedo, obra em questão. Quando tratam da técnica em negativo de vidro, especificamente, a reflexão é um pouco mais colada ao objeto em si, o que qualifica o debate.

Grupo 2

Diapositivos – Mobilinea

10

Beatriz Caroline da Cruz
Fernando Pereira Cescon
Marina Naomi UUtsumomiya
Sabrina Duarte

>>>>>

Gostei muito do trabalho de vocês. Ele é claro e enfrenta o objeto e seus processos de forma muito objetiva e detalhada. Isso é muito bom.

Em especial, destaco a reflexão que organizaram a respeito do uso ou consumo dos *slides*. Vocês abordam a questão tangencialmente, quando tratam de seu uso doméstico, mas avançam sobre ela quando abordam a relação com o ensino e a pesquisa – a academia – que fundamental para a leitura dos objetos tratados especificamente por vocês. E fiquei muito satisfeito em ver uma reflexão que trate da relação entre o lugar histórico desses objetos – slides –, na relação com o objeto representado (os móveis) e o interesse da FAU. É isso! É esta articulação que importa numa boa reflexão acadêmica.

Por fim, destaco pequenas imprecisões de escrita, que não comprometem os conteúdos. Eu pediria também atenção na reprodução das imagens, pois as fotografias apresentadas na página 3 ficaram com um tom azulado, dando uma impressão estranha aos objetos. Finalmente, indico que seria oportuna a indicação bibliográfica ao longo do texto.

Grupo 3

Os melhoramentos de São Paulo / (1945)

8

Ana Cristina Yukari Fuku
Beatriz Tanzi Martins
Lorenzo Martins de Andrade

>>>>>

O trabalho de vocês é muito bom. Gostei do empenho e da abordagem escolhida. Vocês expõem de maneira clara os objetivos e deixam explícita, logo no início, a partir de qual estrutura desenvolvem a reflexão. Muito importante a compreensão que vocês tiveram, ao destacar que o livro – a obra – ganhou caráter monumental, pela relação que estabelece com as propostas de transformação urbana, também de caráter monumental. Assim, destacam que a leitura do objeto passa também pela sua materialidade e seus processos técnicos, na relação com o período em que foi executada. A reflexão técnica / tecnológica passa a ser tratada como um índice na compreensão do lugar do objeto dentro do contexto histórico em que foi produzido. Gosto, em especial, da relação que estabelecem entre objeto e discurso renovador, onde a imagem dos feitos ligados à renovação precisa ser visibilizada. Infelizmente, vocês identificaram erradamente a tecnologia. Não se trata de rotogravura, mas a fotogravura [se quiserem, encaminho uma imagem de rotogravura, para vocês terem como referencia]. De todo modo, considero as reflexões pertinentes à leitura da obra, na associação com o contexto histórico. Mas destaco que a rotogravura chega também nos anos 1940, no Brasil. Mas esta técnica era muito mais cara e ‘inviável’ para um projeto como este. De todo modo, a fotogravura era também um processo caro, o que torna ainda mais imponente este livro, com tantas imagens impressas. Este era um ponto chave do debate, que poderia ter sido articulado com o texto do Joaquim Marçal.

Grupo 4*

Relíquias da Bahia / (1941)

7

Amanda Kubo Freitas
Brunna Gama
Emily D'Souza
Thalissa Lewin Montanholi

>>>>>

Gostei do trabalho de vocês. Ele é objetivo em apresentar os temas debatidos pela obra, mas senti falta de algumas questões, que sinalizo a seguir.

Quando vocês falam do *autor*, especialmente quando tratam da extensa produção bibliográfica que produziu, seria interessante debater o lugar ocupado pelos impressos na cultura brasileira de meados do século 20. Se o volume de publicações é muito expressivo, o que isso significa e o que permite ao autor produzir tamanha quantidade? Seu lugar privilegiado? Um interesse do mercado editorial em apresentar suas novidades ou possibilidades tecnológicas?

Fiquei curioso para saber mais da editora. Sei que as informações não são muito fáceis na internet, mas creio que valeria um esforço para encontrar outras referências neste caso.

Ao fim, senti falta de um debate mais qualificado sobre o livro em si. Vocês falam da rotogravura, mas não explicam claramente sobre ela. Valeria, neste caso, uma apresentação mais qualificada sobre a técnica, demonstrando com imagens e gráficos o seu funcionamento. Vocês também não apresentam a diagramação da página e o uso de cinco línguas na sua edição, o que aponta para um público muito diverso e, possivelmente, uma distribuição internacional (ao menos sugerida pelo uso das diferentes línguas).

Muito importante a referência à obra *Relíquias da Terra do Ouro*, estabelecendo um diálogo importante enquanto projeto editorial que avança para além do livro tratado no trabalho. No entanto, essa referência pouco qualifica a reflexão. Vocês poderiam ter tirado partido dessa questão, debatendo o projeto editorial como modelo de visibilidade de uma nova tecnologia (a rotogravura) e sua aplicação no mercado, além da relação entre os dois objetos e seus discursos em torno do patrimônio histórico. Apenas como referência, o livro perde importância na construção narrativa. Por fim, sinalizo apenas para a necessidade de uma revisão final nos próximos trabalhos, já que é possível identificar alguns problemas de pontuação.

Grupo 5

Vence; 1944-1948 / Henri Matisse (1948)

8

Heitor Camargo Miguel
Maria Antônia de Souza Junior
Pedro Henrique Becker Rodrigues

>>>>>

Gostei muito do trabalho de vocês. A apresentação da revista é muito boa e achei especialmente proveitosa a reflexão associada ao texto do Benjamin. Neste ponto, achei uma pena que vocês não desenvolveram melhor o raciocínio em torno do trecho citado da revista. Quando dizem que a arte está mesclada com o tempo, vocês poderiam debater a relação entre a produção artística e os recursos tecnológicos oferecidos pelos processos gráficos, assim como o mercado editorial e o consumo de revistas, que irá caracterizar os anos 1940-50. Esta questão é chave no trabalho de vocês, pois estabelece uma relação muito clara entre processo artístico e liberdade de ação / intervenção no processo gráfico – neste caso, a litografia –, onde o tema floral, associado à natureza, passa a ser muito bem explorado pela técnica. De todo modo, conseguiram elaborar uma boa apresentação da obra, destacando suas características técnicas e questões biográficas do autor. Faltou também vocês me procurarem para registrar o livro com um conta-fios digital, como sugeri em sala de aula.

Grupo 6

Doorway to Brasília / Aloísio Magalhães (1960)

9.5

Caroline Arantes Speridião
Letícia Oliveira Perjan
Thais de Castro Oliveira Lima

>>>>>

O trabalho de vocês está muito bom! Gostei muito. Ele consegue estabelecer uma ótima relação entre o processo gráfico utilizado e o discurso associado ao evento retratado / narrado (a construção de Brasília). Este debate organiza bem a reflexão proposta e já está posto desde o início para o leitor. Mas é de se destacar a leitura pormenorizada do uso da técnica, na fatura das imagens.

E fiquei muito contente em identificar o uso do texto do Argan – *A Crise do Design* – que é um marco da reflexão em torno do papel do design contemporâneo. Um ponto de virada e que serve muito bem para a leitura do livro tratado por vocês. Por outro lado, senti falta de alguns pontos:

A reflexão sobre o modernismo brasileiro é muito válida, mas sinalizo para algumas incursões já contestadas pela historiografia recente. É um tema delicado e merece atenção.

Achei uma pena que vocês não quiseram utilizar o conta-fios digital, como sugeri para vocês em aula. Este procedimento de investigação teria colocado novas questões e, certamente, qualificado algumas das argumentações colocadas por vocês.

Vocês poderiam também ter mobilizado algumas publicações contemporâneas, que tratam dessa obra, mapeando melhor o seu lugar na cultura contemporânea brasileira. Não se trata apenas de uma obra que teve sua influência nos anos 1960, mas ela vem sendo especialmente retomada nas últimas décadas, para se pensar na história do livro no Brasil e, especialmente, no lugar dos livros de artista.

De todo modo, trata-se de obra de grande influência na cultura brasileira e que, por este mesmo motivo, foi tratada por muitos historiadores e artistas, tornando a sua reflexão uma tarefa complexa. Entendo que vocês fizeram um ótimo esforço, ainda que outros pontos pudessem ser melhor debatidos.

Grupo 7*

30 posters on environment and development / (1948)

10

Amanda Yurie Asato
Leonardo Henriques Ruggeri
Lucas Longue Prado Gonçalves
Luiz Carlos de Souza Junior

>>>>>

Muito bom o trabalho de vocês. Além de tratar da trajetória do Rafic, terem feito uma entrevista com ele, vocês não deixam de falar do evento, da fatura do objeto, do seu reconhecimento, da sua circulação e outros pontos. Gostei, especialmente, da reflexão em torno do uso da colagem e do offset, buscando se distanciar do corrente uso do computador, numa associação muito interessante com o tema da ECO92. Mostra a complexidade da elaboração do objeto e sua trama 'política' e intelectual no processo de fatura. Muito bom!

Fiquei curioso para ler mais dessa entrevista. Se tiverem interesse, podem avançar um pouco mais e transformar num artigo a ser publicado. Fica a sugestão.

Grupo 8*

Desenho Industrial 68

8

Angela Ventura Di Nubila
Carolina Jacomina da Silva
Fernanda Francine Watanabe
Rafael Wolkart Penteado

>>>>>

Fiquei contente com o resultado apresentado por vocês. Em se tratando de um objeto de grande dificuldade de elaboração do trabalho, entendo que vocês conseguiram avançar em aspectos importantes ao debate. Achei muito bom o paralelismo que vocês estabeleceram com outras obras, o que contribui muito para o entendimento das resoluções tomadas no cartaz em questão. É muito provável que a obra tenha se referenciado no trabalho do Osvaldo Vanni, especialmente pela visualidade que a Bienal projetava para tais peças. Por fim, achei um ponto contraditório, que poderia ter sido explorado por vocês, como um problema do cartaz: se a forma como a imagem é organizada – em alto contraste – se distancia da modernidade e se, ao mesmo tempo, a família tipográfica utilizada é muito caracterizada como moderna, não haveria aí uma incongruência de projeto? Ou a forma como foi utilizada é compatível com os interesses projetados através deste cartaz?

Cuidado com algumas imprecisões. O cartaz não é uma invenção da modernidade, mas sim a sua massificação. A cidade não pode ser compreendida como um modo de vida, como vocês colocam. No limite, podemos falar que um novo modo de vida emerge com a emergência do processo de urbanização, no século 19.

Achei uma pena que vocês não tenham explorado melhor o detalhamento visual proposto pela leitura através do conta-fios digital. Os detalhes que vocês apresentam na página 3 são de difícil leitura, o que não contribui muito para a reflexão proposta. Por exemplo: vocês falam das rachaduras brancas, mas não as apresentam.

Destaco também a reflexão em torno da imagem apresentada pelo cartaz e sua relação com o processo de impressão. Creio que valeria uma reflexão mais cuidadosa, neste caso. A cabeça que aparece na imagem é de um anjo barroco, fazendo explícita referência ao barroco mineiro e à cultura do estado, cede do evento. Também, a repetição ou mesmo o estado 'borrado' da imagem, indicam uma exploração dos processo técnico, como forma de organização de uma visualidade. Assim, processa-se uma reflexão entre discurso e técnica.

Grupo 9

Superfícies habitáveis / (1974)

8

Camila Yukico Ono
Gustavo Oliveira da Silva Hirga
Leonardo de Souza Ramos
Rafael Szafir Goldstein

>>>>>

Fiquei muito contente com o trabalho de vocês. Primeiro, destaco que não se furtaram a recorrer a algumas das obras debatidas em sala de aula, o que muito qualificou e orientou o trabalho. Ficou evidente esta relação, especialmente na dimensão da cultura material, marcando aspectos relacionados à produção, circulação e consumo.

Muito importante a referência aos textos de Flávio Motta no período. Talvez, valesse uma reflexão mais cuidadosa sobre os debates ali tratados e como eles puderam estabelecer um diálogo – ou não – com o filme produzido. De que forma a crítica aparece no texto e de que modo essa crítica se expressa no filme.

Outro ponto importante de difícil identificação, mas que também poderia ser explorado, diz respeito à circulação do filme. Os anos 1960 e 1970, coincidem com a criação do Museu da Imagem e do Som. Neste momento, havia um grande incentivo à produção audiovisual e uma profusão de cineclubes pela cidade. Ainda que o filme possa não ter sido feito para circular nesses espaços, seria interessante pensar sobre a relação deste contexto com o uso do audiovisual no interior da FAUUSP, lembrando que o Laboratório de Recursos Audiovisuais da FAU será criado em 1973 – contemporaneamente, portanto, à fatura da obra.

Destaco que o super-8, ainda que não fosse comercializado no Brasil, já circulava entre artistas e intelectuais, que produziram diversos registros neste suporte. No entanto, era preciso revelar os filmes fora do Brasil.

Grupo 10

***Em Arapiraca, o trabalho canta* / (1977)**

4

Dante de Moura Queiroz
Imann Ahmad El Orra
Julia Monteiro de Andrade

>>>>

O trabalho de vocês tem muitas deficiências e merecia maior atenção. De forma geral, vocês fazem uma leitura muito rápida do filme e não problematizam seus aspectos, na relação com a cultura material. Não há uma reflexão sobre como este filme foi realizado – ainda que exista uma referência ao projeto de pesquisa e seu financiamento –, do mesmo modo que vocês não sinalizam sobre como a obra circulou ou como ela foi consumida e onde.

De certo modo, vocês não avançaram sobre as questões proposta em sala e também não cumpriram os objetivos indicados para o trabalho, como indicado no programa da disciplina. Do mesmo modo, as imagens utilizadas na monografia apenas ilustram o filme e não são utilizadas para se debater o objeto em si.

Enfim, existem muitos problemas no trabalho.

Grupo 11

***Poltrona Paulistano* / (1957)**

9

Giovana Berti Scavroni
Ronado Yoshio Tanahara Junior
Thiago Barbosa Vilela Diniz

>>>>

O trabalho de vocês é muito interessante. Gostei bastante. Destaca-se o empenho em abordar a cultura material e, em especial, a questão do fetiche do objeto, que tanto o caracteriza neste contexto brasileiro e, especialmente, paulistano. Foi também muito proveitosa a leitura dos materiais e sua relação com a industrialização do período, assim como uma referência à cultura tradicional – ainda que o tecido possa ser substituído, conforme o interesse do usuário. Fiquei também muito contente com a citação ao trabalho do Rafael Cardoso, onde se trata de aspectos essenciais à compreensão do design. Neste aspecto, no entanto, abre-se espaço para algumas lacunas, onde se pode questionar o papel desta cadeira no processo de urbanização do país – e especialmente de São Paulo. De que modo ela participa, ou não, do processo cultural. Ainda que alguns elementos estejam sinalizados, seria interessante debater-los a luz destes aspectos. Por fim, destaco que o texto contém algumas imprecisões de escrita. Recomendo maior atenção num próximo trabalho e também uma revisão final.